

“O Mundo Só Me Vê, Mas Não Me Enxerga”: A Violência de Gênero no Brasil**“The World Can Only Look at Me, But Not See Me”: Gender-Based Violence in
Brazil**Juliana Diniz Cerqueira³**Resumo**

Este estudo tem como objetivo discutir as relações violentas dentro do panorama atual da pandemia de Covid-19, proporcionando reflexões sobre como o medo, tanto individual quanto coletivo, está alicerçado em questões individuais e subjetivas, mas também em vivências compartilhadas e concretas. Além disso, questões anteriores à pandemia eclodiram com maior veemência nesse período, de modo que episódios violentos contra mulheres se tornaram ainda mais frequentes, em especial, no ambiente doméstico, devido, principalmente, ao isolamento social e ao aumento do desemprego. Este trabalho utiliza uma narrativa específica construída ao longo de acompanhamento clínico a fim de promover uma reflexão mais ampla sobre o tema. Sendo assim, a geração de dados desta pesquisa apoiou-se em uma metodologia qualitativa, tendo como ilustração um fragmento clínico.

Palavras-chave: Pandemia, Violência, Mulher

Abstract

This study aims to discuss violent relationships within the current scenario of the Covid-19 pandemic, promoting reflections on how fear, both individual and collective, is rooted on individual and subjective matters, but also on shared and concrete experiences. Besides, issues prior to the pandemic erupted with greater vehemence in this period, so that violent episodes against women became even more frequent especially in the domestic environment,

³ Pós-graduação em Saúde Mental da Infância e da Adolescência, no IPUB da UFRJ; em Psicoterapia de Família e Casal pela NUCLEO; em Psicoterapia de Família e Casal pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestrado em Psicologia Clínica na linha de família e casal pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pós-graduação em Psicologia Jurídica da AVM Educacional. Psicóloga Clínica em consultório particular. Integrante do Time Humanidade e do MAPA do acolhimento a mulheres que sofrem de violência doméstica.

mainly due to social isolation and unemployment. This paper focuses on a specific narrative built throughout sessions so as to provide a broader reflection on the theme. Thereby, the process of data collection for this research was supported by a qualitative methodology, having as an illustration a clinical fragment.

Keywords: Pandemic, Violence, Women

Introdução

Em 16 de março de 2020, o Brasil entrou em fase de isolamento social devido à pandemia de Covid-19 – uma realidade que impôs inúmeras dificuldades, como impasses no plano econômico e dificuldades na área da saúde, além de causar elevado grau de sofrimento no âmbito emocional. Ademais, o isolamento social, indispensável para o combate da Covid-19 naquele momento, só seria possível para as famílias de baixa renda se lhes fosse oferecido aporte financeiro mínimo para suprir suas necessidades mais básicas. No entanto, o modelo econômico capitalista, calcado prioritariamente na produção ininterrupta e no aumento constante dos lucros, contribuiu para acirrar ainda mais problemas financeiros pré-existentes, aprofundando as desigualdades sociais brasileiras ao mesmo tempo em que inviabilizava o cuidado com a saúde e a preservação da vida da população pobre.

Desse modo, o enfrentamento dos efeitos da Covid-19 estendeu seu impacto no âmbito emocional, embalado pelos enormes desafios impostos pelo isolamento social prolongado e pelo convívio familiar intenso – mudanças repentinas que demandavam uma reconfiguração do *modus operandi* de cada núcleo.

Um vírus inesperado cercava o cotidiano de perigos constantes e onipresentes, atravessando o presente com receios de um futuro cada vez mais imprevisível e desafiador. Além disso, transformou significativamente a relação de cada sujeito com o medo – este, fortalecido pela iminência das ameaças externas, tornou-se capaz de provocar repercussões internas ainda mais expressivas. Dia após dia, catalisado pela incessante inquietação com o amanhã, o medo também ganhava contornos protetivos que mantinham vigilantes o cuidado consigo mesmo e com o outro. Contudo, os extremos contribuíam para disseminar excessos

perigosos: por um lado, o negacionismo imprudente desafiava o bom senso para pôr em risco o bem-estar individual e coletivo; por outro, o excesso de zelo fazia numerosos reféns, aprisionando-os em rituais de cuidado desmedidos.

A transformação avassaladora do cotidiano associada ao panorama de instabilidade da pandemia favoreceu o estabelecimento de padrões ansiogênicos de comportamento. Por trás do temor de uma catástrofe interna, uma sensação crescente de instabilidade externa.

Em 2020, decidi aderir a um programa de atendimento voluntário chamado *Mapa do Acolhimento* – uma rede de apoio voltada para mulheres vítimas de violência de gênero. O acompanhamento é realizado por psicólogas e advogadas que se propõem atendê-las voluntariamente a fim de proporcionar um espaço de fortalecimento para a (re)construção da dignidade e dos direitos femininos. No mesmo período, também mantive remotos os atendimentos clínicos particulares, com o auxílio de um dispositivo *on-line*. Antes da eclosão da Covid-19, a grande maioria era realizada presencialmente. Já os atendimentos no âmbito do *Mapa do Acolhimento*, em especial, foram realizados por meio de chamadas de voz ou de vídeo, de acordo com a opção da pessoa atendida.

Objetivo

O objetivo deste estudo é examinar as relações violentas no panorama atual da pandemia de Covid-19, identificando como as violências vividas são explicitadas por essas mulheres.

Pandemia: Uma Vivência de Catástrofe

Sem sombra de dúvida, a pandemia de Covid-19 tornou-se uma catástrofe de proporções globais. Ao contrário de epidemias anteriores, a Covid-19 logrou uma disseminação veloz em escala mundial, acelerada particularmente pela velocidade das trocas e dos fluxos humanos em um contexto marcado pela intensa globalização. Com isso, o novo vírus conseguiu se alastrar rapidamente, deixando para trás um rastro inimaginável de mortes, sequelas e perdas dolorosas. As repercussões da pandemia salientaram também o que há de mais vulnerável no ser humano, expondo tudo que a vida guarda de imprevisível e surpreendente.

Para aprofundar esta discussão, convém explorar o significado de “catástrofe”, uma palavra que, apesar de denotar um acontecimento externo, também envolve as representações internas desencadeadas por ela. Afinal, uma catástrofe pode causar experiências traumáticas – ou não – dependendo da maneira como cada um significa os acontecimentos experimentados.

Em alguns casos, a catástrofe é acompanhada de dificuldades para expressar ou elaborar a experiência vivida (Abraham e Torok, 2003). Isso ocorre porque a adversidade experimentada surte efeito desestruturante sobre o sujeito, desarticulando sua capacidade de responder à situação vivenciada. Freud (1920/1976) destaca que o trauma revela a entrada de um estímulo excessivo – impossível de suportar – no aparelho psíquico. A consequência seria a ruptura da camada protetiva, interrompendo seu funcionamento saudável e paralisando o princípio do prazer.

A construção das individualidades se dá de maneira dialógica, de modo que o coletivo interfere na formação das individualidades ao mesmo tempo em que os indivíduos são capazes de agir sobre o ambiente ao seu redor. É exatamente nessa via de mão dupla que se dá a construção de cada um de nós, por meio de um processo de contínua retroalimentação.

Entretanto, cabe ressaltar que o enfrentamento das dificuldades da pandemia é balizado por recursos e redes relacionais costurados previamente, de modo que a experiência anterior exerce papel preponderante na construção da resposta de cada um aos novos acontecimentos. A realidade do período pandêmico, porém, se apresenta de maneira ostensiva. O medo e a insegurança se alicerçam sobre situações concretas vividas no cotidiano coletivo, mas também intensamente presentes na esfera individual. Uma incômoda sensação de descontinuidade se estende entre a população mundial, substituindo uma ordem que se apresentava até então como perene e estável.

O novo contexto reforça ainda outro tipo de vulnerabilidade, uma vez que impõe o convívio direto e ininterrupto no espaço familiar, privando-nos de todas demais relações interpessoais presenciais. O estresse negativo insere-se na maioria dessas experiências com alto e

prolongado nível de tensão sobre o ambiente familiar, afetando tanto o desenvolvimento emocional individual quanto o interpessoal (Garcia, 2020). As relações sofrem abalos severos, uma vez que a dificuldade de reconhecer uns aos outros se torna ainda mais evidente, exigindo uma completa reformulação de papéis (Verztman e Romão-Dias, 2020).

O conceito de “catástrofe” salienta também seu aspecto inesperado, reforçando a sensação de perda da estabilidade e a ausência de garantias que poderiam nos trazer algum alívio. Embora a catástrofe engendre experiências individuais dos eventos provocados, ela guarda também uma dimensão coletiva, comum a todos que a vivenciaram (Verztman e Romão-Dias, 2020). Entretanto, países com desiguais abissais, como o Brasil, impuseram experiências pandêmicas muito distintas: todos atravessavam a mesma turbulência externa, porém munidos de capacidades objetivas muito díspares para o enfrentamento das adversidades.

Por outro lado, a pandemia proporcionou transformações psíquicas importantes, intensificando a necessidade de olhar para dentro de si mesmo, potencializando a capacidade de autoconhecimento e, com isso, de reconstrução. Além disso, o compartilhamento de uma mesma situação traumática, aliado à percepção da vulnerabilidade humana, favoreceu a adoção de posturas empáticas. Afinal, o vínculo criado por uma catástrofe comum – que atingia irrestritamente todos e todas – estabeleceu elos de empatia que transcendiam os limites das diferenças entre indivíduos e seus contextos.

Inserido nesse cenário amplo e diverso da pandemia de Covid-19, o foco deste estudo recai sobre a escuta das narrativas de mulheres vítimas de violência. No trabalho psicoterápico, particularmente, o enfoque é voltado para a compreensão das ressonâncias de vivências que, para muitas, provou-se traumática. Afinal, nas palavras de Duarte (2020, p. 13), “compreender é um modo de se reconciliar com o mundo”.

O enfraquecimento dos vínculos a partir do distanciamento físico, além de limitar significativamente as atividades de rotina, leva à intensificação de sentimentos como o medo e a insegurança. Enquanto a rotina promove tranquilidade, previsibilidade e acolhimento

afetivo, o isolamento contribui para o cerceamento da liberdade e até mesmo para a privação relacional.

Duarte (2020), por exemplo, indaga se a “casa” preservou o mesmo significado durante o período de isolamento do social, quando seus moradores não mais podiam sair e voltar. Em tempos de isolamento, a porta se transforma em parede. O espaço de ir e vir é cerceado, enquanto a sensação rotineira de acolhimento e previsibilidade dá lugar à opressão e ao aprisionamento. Esse contexto leva, algumas vezes, ao hiperinvestimento das relações, ocasionando dificuldades no convívio diário familiar, que uma vez mais intenso do que o de costume, demanda a configuração de novos arranjos.

Estamos em Casa: E Agora?

O isolamento social trouxe uma série de repercussões para o mundo interno e para a vida relacional. A casa representa o mundo interno, assim como evidência o lugar das individualidades e das relações. Nesse momento, espaço privado e público, em alguma medida se fundem, uma vez que o mundo externo invadiu os lares, convocando todos e todas ao autoconhecimento. Por outro lado, aspectos mais frágeis e regredidos emergem com maior força diante de tantas mudanças, o que exige um grande esforço de adaptação.

Em tempos pandêmicos, a vida presente é de risco e as perspectivas futuras são ameaçadas pelo perigo iminente que suspendeu a continuidade tão almejada do presente (Birman e Fortes, 2018). Diante do desconhecido, o ser humano tende a construir uma ilusão de segurança e de previsibilidade. Porém, a pandemia de Covid-19 fez um movimento oposto, colocando em evidência ameaças imediatas desconhecidas até então. Somado a isso, o espaço interno de casa pode ser igualmente de risco e, nesse contexto, o índice de violência doméstica e familiar aumenta sobremaneira (Ibrahin e Borges, 2020).

Ainda hoje, as mulheres são vistas como responsáveis pelas violências sofridas. São consideradas exageradas e mentirosas, obrigadas a assistir suas narrativas caírem frequentemente em descrédito. Alguns mitos contribuem para a não-responsabilização de autores de violência, como a crença de que o ciúmes e o controle são prova de amor, por

exemplo. Nesse contexto, a fala de uma mulher tende a ser desqualificada, o que contribui para a perpetuação da dinâmica violenta (Diniz, 2013).

Apenas entre março e abril de 2020, os casos de feminicídio apresentaram crescimento de 22% – uma taxa que, devido à subnotificação, provavelmente se mantém aquém da realidade. Soma-se ainda a esses desafios a queda brusca e repentina da renda familiar na pandemia, uma mudança que tende a restringir as possibilidades de uma mulher reorganizar sua vida financeira para se afastar de seu agressor (Bond, 2020).

Quando uma criança ou um adolescente sofrem violência, os recursos são ainda mais escassos, em razão da condição de sua maior vulnerabilidade e à etapa do desenvolvimento em que se inserem. Quando a violência se instala no espaço doméstico, pai e mãe – que deveriam ser referências de proteção – cumprem o papel de agressores, deixando marcas indeléveis nas trajetórias de seus filhos.

Os dados referentes a estupro e tentativas de estupro no Brasil são igualmente alarmantes. No Rio de Janeiro, já chegamos ao número de 5.310 notificações de estupro – uma taxa de 30,9 casos por cada 100 mil habitantes. Na maioria das vezes, a vítima é uma mulher menor de idade com um vínculo próximo com o agressor. Em geral, são pais, tios e avôs os agressores mais frequentes, prova de que é no ambiente doméstico que a maioria das situações de violência ocorre (Araújo, 2020).

Trama Clínica

O sujeito contemporâneo é frequentemente estimulado a uma construção de si mesmo voltada para o exterior, a uma experiência de viver em que se investe mais no material do que no relacional. Intoxicados pelo excesso de consumo e esvaziados do encontro afetivo com o outro – algo basilar para qualquer um de nós – somos ainda surpreendidos por um vírus que nos priva da convivência social e nos coloca na condição de isolamento prolongado.

Nesse momento, a família nuclear fica mais recolhida em si mesma e precisa de novas adaptações, seja pela realidade que impõe um convívio excessivo, seja pelas privações econômicas. Em um cenário tão inusitado, as desigualdades – em particular, as sociais e as

de gênero, emergem consideravelmente, de modo que as dificuldades para lidar com o preconceito e a diferença se acentuam e nos alertam para possíveis retrocessos.

É necessário esforço para converter a dor provocada por sofrimentos “invisíveis” em conteúdo explícito e, conseqüentemente, em força transformadora. Durante a pandemia, recebi algumas mulheres com vivências de violência. Suas histórias chegaram até mim por meio do atendimento na clínica particular ou no Mapa do Acolhimento. Uma delas era Monique, que trazia como principal questão para o atendimento psicoterápico o término de um relacionamento conjugal abusivo – que culminara em violência física. Ela destacava a relação de dependência que estabelecera com o ex-cônjuge, as falas de desqualificação que eram dirigidas a ela, bem como as constantes crises de ciúmes.

A violência conjugal se apresenta como estratégia disfuncional para resolução de conflitos, fazendo sobressair aspectos destrutivos, como manipulação, tentativa de dominação, ameaça, coerção, entre outros comportamentos negativos. Geralmente, a hostilidade cresce em escalada, culminando em violência sexual, física e psicológica. Para maior compreensão, torna-se necessário se debruçar sobre as individualidades, mas também sobre a história do casal (Falcke, Vagner e Mosmann, 2013). No que tange ao aspecto relacional, faz-se importante compreender que papel a violência cumpre na dinâmica conjugal.

Na relação transferencial, ela pedia que eu lhe explicasse as situações vividas, julgasse entre o certo e o errado e lhe apontasse o caminho a seguir. A relação de aderência ao outro era um mecanismo que insistia em persistir. O uso abusivo de drogas e álcool se aliaram ao começo de um novo relacionamento em que se repetia o consumo excessivo dessas substâncias. A relação de dependência se mantinha, assim como o ciclo de prazer e culpa sinalizado por meio de declarações como “eu não mereço ser feliz”. A necessidade de se arriscar se manifestava tanto na relação abusiva com álcool e drogas como também em comportamentos destrutivos dirigidos contra si mesma. Além disso, descobriu que seu parceiro mantinha relações com várias mulheres ao mesmo tempo. Viver no limite por intermédio de relações violentas ou do abuso de substâncias, nos leva a pensar que medo e

aversão são capazes de se tornar fontes de prazer (Bessel, 2020) – um prazer conectado ao desprazer.

Relatando a repetição de situações de violência, ela afirma: “não quero mais ver esse filme”. Suas atitudes orientam-se pela insegurança e falta de confiança em si mesma e no outro. Nas sessões, aparecia o questionamento: o que diferencia uma mulher que presta de uma que não presta? Monique falava com frequência da ausência da mãe, falecida quando ela ainda era criança – uma perda que lhe causava uma sensação de abandono, além de sentimento de ser responsável pela sua morte. Já a relação com o pai era marcada pela dificuldade paterna para estabelecer limites e demonstrar afeto. Percurso semelhante, Monique faz diante das drogas, após o uso: vergonha, culpa e punição. Ela dizia: “eu errei; as pessoas me veem como ruim; ninguém me quer”. E me pergunta: “você vai abrir mão de mim?”. Talvez a minha permanência tenha sido o primeiro passo para o acolhimento e integração de suas partes boas e más, assim como para a abertura de novas possibilidades.

Aos poucos, Monique conseguiu se desvencilhar de uma última relação afetiva que se mantinha disfuncional, bem como abandonar o uso excessivo de drogas. Nas palavras da própria, “liberdade requer prudência”. Gradativamente, Monique caminha em direção à sua própria autenticidade e deixa de perguntar minha opinião para cancelar suas escolhas. Na audiência com o ex-marido, ela impetra a denúncia de violência doméstica, mas admite a saudade que ainda sente do antigo parceiro e a falta que sua ausência lhe traz.

Alguns dias depois, Monique tentou pular do último andar de sua casa, mas foi impedida pelo irmão. Ela dizia que não conseguia viver com o ex-marido, mas também não se imaginava sem ele. O afeto permanecia vinculado aos maus tratos, fazendo sobressair a pulsão de morte. O resultado é uma passagem ao ato, uma atitude imediata no lugar da palavra que aponta para a não-elaboração da experiência vivida. Nessa situação, o sujeito [...] “reproduz não como lembrança, mas como ação, repete-o sem saber que está repetindo” (Freud, 1996). Percebe-se um padrão de violência que vem de fora, da relação com o ex-marido, mas que também se origina dentro e se apresenta como uma tentativa de suicídio. Além disso, ainda nos dias de hoje, é possível identificar que a constituição da identidade

feminina é muitas vezes vinculada de forma passiva ao parceiro. Nessa circunstância, a mulher se encontra emocionalmente dependente da figura masculina (Gomes, 2013), fazendo com que a ausência de seu companheiro promova o esvaziamento de sua própria identidade.

Nas experiências de violência sofridas pela mulher, ela vive um duplo questionamento, indagando a si mesma, se ela é vítima da situação ou se teve uma participação ativa no ocorrido. Isso se deve, em grande parte, ao sistema patriarcal que culpabiliza a mulher pela violência vivida. A marca ainda imposta pela sociedade de que cabe à mulher o lugar de inferior, frágil e submissa aumenta sua vulnerabilidade e, com isso, facilita o processo de dominação e violência. Essa perspectiva assumida pela sociedade desencadeia na mulher uma descrença nas suas próprias avaliações e instala um conflito interno, assim como uma junção entre amor e terror, dor e prazer (Bessel, 2020). Diante de uma experiência traumática, o circuito inteligência, prazer e afeto é alterado, ocasionando um abalo na estrutura psíquica. Comportamentos destrutivos podem aparecer como uma tentativa de solução para a desorganização interna experimentada (Levy, 2018).

Monique finalizava dizendo: “parece que todo mundo só me vê, mas não me enxerga”. Falava de uma infância em que teve que se cuidar sozinha – o que contribuiu para a instauração de um sentimento de invisibilidade diante do outro e fazia com que procurasse não mais viver. Torna-se necessário o esforço para que a dor pela invisibilidade dessas situações possa se converter, cada vez mais, em conteúdo explícito e, conseqüentemente, em força de transformação, minimizando o caráter destrutivo das experiências anteriores.

Considerações Finais

É possível pensar que situações de violência provocam uma aproximação da agressividade com o afeto. Essa agressividade pode estar dirigida para o outro ou para si mesmo, como repetição e/ou tentativa de transformação. Além disso, a instabilidade do vínculo desperta a falta de confiança em si mesmo e em seu entorno, de modo que o processo de autoconstrução pode ficar aprisionado em um ciclo de violência. O intuito do trabalho

psicoterápico é ajudar o sujeito a viver de maneira mais criativa e autônoma, permitindo uma transmissão geracional de conteúdos mais elaborados e livres de violência.

O aumento da violência contra a mulher é observado de maneira explícita, por conta de múltiplos fatores – históricos, culturais, sociais, institucionais, familiares e pessoais. No entanto, a banalização dessa forma de violência ainda é recorrente.

A explosão de casos de violência contra mulher durante a pandemia de Covid-19 nos convida a olhar com mais cuidado para o tema, de modo que novos estudos e políticas públicas possam ajudar a coibir esses acontecimentos ao invés de aumentarmos, a cada dia, o índice dessas ocorrências.

Referências

Abraham, N., & TOROK, M. (2003). *Os caminhos do trauma*. Editora Escuta.

Araújo, A. P. (2020). *Abuso: a cultura do estupro no Brasil*. Globo.

Bessel, V. K. (2020). *O corpo guarda as marcas. Cérebro, mente e corpo na cura do trauma*. Sextante.

Birman, J., & Fortes, I. (2018). *Catástrofe e risco: uma leitura interdisciplinar do trauma*. Zagodoni.

Bond, L. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia: números de violência contra a mulher caíram em apenas três estados. *Agência Brasil*, 1 jun. 2020. Retirado em 06/03/2021, de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>

Diniz, G. (2013). Até que a vida e a morte os separem: análise dos paradoxos das relações violentas. In T. Féres-Carneiro. *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 191-216). Casa do Psicólogo.

Duarte, P. (2020). *A pandemia e o exílio do mundo*. Bazar do Tempo.

- Falcke et al. (2013). Estratégias de resolução de conflito e violência conjugal. In T. Féres-Carneiro. *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 159-176). Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1996). *Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise II)*. Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). *Além do princípio do prazer*. Imago. (Original publicado em 1914).
- Garcia, A. C. B. B. F. (2020). Estresse nas relações familiares: a comunicação na prática clínica. In M. Nichols, & R. C. SCHWARTZ. *Terapia familiar na prática* (pp.17-31). Bazar do Tempo.
- Gomes, I. (2013). Conflitos conjugais e transmissão psíquica geracional: das históricas de Freud à mulher atual. In T. Féres-Carneiro. *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 177-190). Casa do Psicólogo.
- Ibrahin, F. I. D., & Borges, A. T. (2020). *Violência doméstica em tempos de confinamento obrigatório: a epidemia dentro da pandemia*. Retirado em 06/03/2021, de <https://jus.com.br/artigos/85555/violencia-domestica-em-tempos-de-confinamento-obrigatorio>
- Levy, S. (2018). *Por dentro do trauma. A perversidade no Holocausto e na contemporaneidade*. Letra capital.
- Rosenberg, M. B. (2006). *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Ágora.
- Vertzman, J., & Romão-Dias, D. (2020). Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(2), 269-290. Retirado em 06/03/2021, de <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>

E-mail para Correspondência

julianadinizpsi@gmail.com